


TEJOTA & LERÉIA
Trapalhada 'jurídica'

O deputado Sebastião Tejeta (foto à direita), do PSDB, cria trapalhada jurídica, para proteger o colega Carlos Alberto Silva, o Leréia (foto à esquerda), que está sendo processado por calúnia, injúria e difamação. Num parecer elaborado por uma desconhecida "doutora Jussara", Tejeta tentou "absolver" Leréia. O deputado Jossivani de Oliveira afirma que o plenário deve liberar Leréia para ser processado.


VEREADORES
O cabresto
do prefeito

O vereador Euler Ivo (foto), do PDT, diz que o prefeito de Goiânia, Nion Albernaz, "encabrestou" os vereadores. Euler defende uma grande aliança entre as oposições, mas admite que PT e PSB são empelinhos ao acordo. Ele faz uma denúncia: "O deputado Aldo Arantes me vetou no PSB e faz campanha contra mim junto ao PDT nacional".



Jornal Opção

ANO XXIII - Nº 1.184

GOIÂNIA, 15 A 21 DE MARÇO DE 1998

R\$ 1,00

O deputado Ibsen de Castro vai processar a promotora Ilona de Sá

O diretor de Polícia diz que o roubo de cargas é o "roubo do futuro"


DEPOIMENTO EXCLUSIVO

'FHC nomeia general que torturou goiano'

O presidente Fernando Henrique Cardoso nomeia o general Ricardo Agnese Fayad para o cargo de subdiretor de Saúde do Exército e arranca críticas das organizações de direitos humanos. O médico Fayad participou de torturas durante o regime militar. O jornalista Jarbas Marques (foto) foi torturado e conta, em depoimento exclusivo, o seu calvário. Ele revela: "No Corredor da Morte, sofri dois tipos de tortura criados pelo então tenente Fayad. Eles jogavam éter no ânus e me afogavam com conta-gotas. Eram torturas piores do que espancamentos e choques elétricos. O éter no ânus, além do

ardor, faz secar as mucosas da boca. A gente sente que a língua está crescendo, parece que vai nos sufocar. O afogamento com conta-gotas é horrível. Colocaram esparadrapo na minha boca, que estava inchada por que arrancaram cada cabelo do bigode com alicate, e começaram a colocar água no meu nariz. Fiquei sufocado. Pensei que ia morrer. Depois, colocaram um jacaré vivo em cima de mim". A denúncia de Jarbas alcançou repercussão internacional. O depoimento completo e explosivo está nas páginas 12 e 13. Ele fará parte do livro de memórias que Jarbas pretende escrever.

DEPOIMENTO EXCLUSIVO

“O médico e então tenente Fayad mandou tampar a minha boca com esparadrapo e colocou água nas minhas narinas. Tive convulsões. Pensei que ia morrer”

‘FHC nomeou o general que me torturou’

O general Ricardo Agnese Fayad, como Joseph Mengele, gostava de testar experimentos de tortura, como colocar éter no ânus dos torturados

JARBAS SILVA MARQUES

Amigos e jornalistas me perguntam o que eu senti quando soube que o presidente Fernando Henrique Cardoso nomeou o general Fayad para vice-chefe do Serviço de Saúde do Exército. Creio que um sentimento misto de indignação e de profunda tristeza. A indignação como um ex-presos político que por ele foi torturado. E tristeza como brasileiro ao ver um torturador duplamente abjeto — já que ele não é só militar, mas médico (e, o que é mais irônico e lamentável, médico pediatra) — ser premiado pelo democrata Fernando Henrique.

Estou envergonhado como brasileiro e cidadão. Fica a impressão que Fernando Henrique (seria ele uma vítima da Síndrome de Estocolmo?) nomearia ministro da Saúde o médico nazista Joseph Mengele. A diferença entre Mengele e Fayad é que o primeiro é mais famoso. Mas ambos gostavam de testar experimentos em suas vítimas.

Mas quem é esse general-de-brigada Ricardo Agnese Fayad?

Eu o conheci em agosto de 1969, quando estava sendo torturado no Quartel da Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro. Ele ainda era segundo-tenente e trazia na jaqueta branca a tarja com o seu nome. Quando comecei a sangrar durante uma sessão de

tortura, Fayad foi convocado para me examinar. Ele tinha examinado o Fayal e o Newton Duarte, da ALN, que foram torturados pela equipe do inspetor Mário Borges, do Dops do Rio, mais os torturadores do Grupo de Operações Especiais (GOE). Eu fui examinado em seguida. Não disse nada. Examinou meus ouvidos, chamou o enfermeiro que o acompanhava, apontou para a bandeja na mão do enfermeiro e determinou: “Limpe com isso”. Depois que o enfermeiro limpou com uma solução que

pelo capitão do Exército Leão, pelo tenente Duque Estrada, sargento Torres e o delegado Jorge “Bola-Murcha”, do Dops do Rio de Janeiro.

Fui espancado com “maricota” (uma mangueira), sofrendo ao mesmo tempo choque elétrico nas orelhas (que eles chamavam de brincos) e no pênis e na bolsa escrotal, ao som de *Luciana*, cantada pela Evinha.

◆
Não acredito que Fernando Henrique entrou na história para esquecer o passado

me pareceu de iodo, Fayad me liberou para a “boate”. A “boate” — sala de tortura perto de uma fábrica da Brahma — ganhou esse nome por causa das eletrolas que eram ligadas em alto volume para impedir que os operários da fábrica de cerveja ouvissem nossos gritos na tortura. Na “boate” estava a minha espera a equipe de torturadores liderada pelo capitão-de-fragata Boneski, do sargento Solimar, os dois do Cenimar, chefiados pelo almirante Júlio de Sá Bierrenbach,

Numa dessas sessões de tortura, quando me chamaram de ladrão, eu gritei: “Ladrões são vocês”. O major Fontenelle foi me interrogar e eu repeti a acusação. Ele virou e me disse: “Aponte um ladrão na minha equipe”. Eu disse: “Aquele que está com o meu relógio no pulso”. Ele então disse: “Se vocês estiver mentindo, eu mesmo vou ter o prazer de te matar. Que relógio é o seu?” Falei: “É um Mido Powerwind, na caixa o número é 3334”. Ele anotou, chamou o capitão Leão e determinou: “Pegue o relógio que o Timóteo tem no pulso e traga aqui”. O capitão Leão trouxe o relógio, ele conferiu o que tinha anotado e falou: “Por hoje você escapou da morte”.

Esse episódio ditou uma maior violência nas torturas e todas as equipes passaram

a me torturar em solidariedade ao torturador Timóteo.

Passei a ser espancado sem ser interrogado, o que me ocasionou lesões no rosto, nas costelas, no pênis e na sola dos pés.

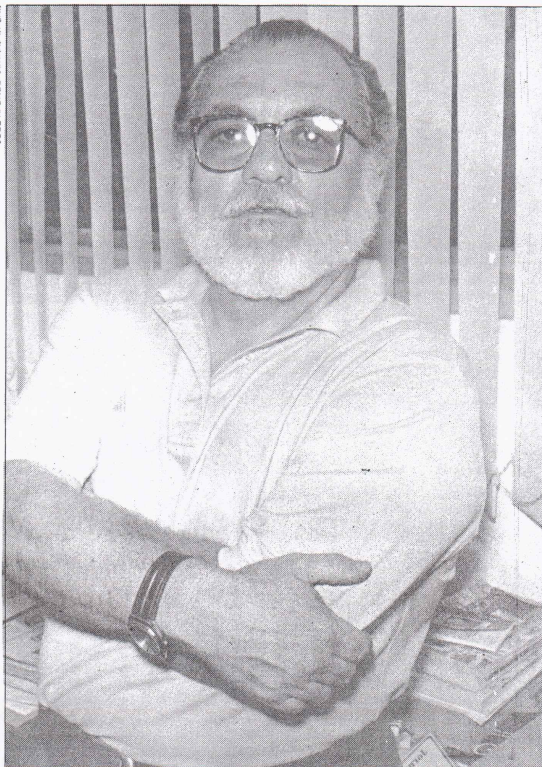
MARCADO PARA MORRER — Comecei a urinar e não conseguia mais nem me arrastar. Fui levado para o Corredor da Morte (um conjunto de cinco celas) até que uma manhã fui levado para o “Maracanã” (um sala enorme, com torneiras e vários instrumentos de torturas), e chegou o tenente Fayad. Ele me examinou primeiro e depois chamou o enfermeiro e determinou que aplicasse anti-hemorragicos. Em seguida, Fayad orientou o capitão Leão: “Ele não pode ser mais espancado, agora só choque, pau-de-arara e caldo”. Fui carregado para o pavimento superior e fiquei a esperar. Depois que o enfermeiro me aplicou umas injeções muito dolorosas, desmaiei. Quando acordei, fui carregado e me colocaram num xadrez coletivo. Era a primeira vez que eu estava em companhia de outros presos. Nesse xadrez estava preso o jornalista Luiz Edgar de Andrade. Prevendo que eu fora colocado ali por acaso, pois era incomunicável e poderia voltar para o Corredor da Morte, disse ao Luiz Edgar o meu nome e pedi-lhe

que memorizasse meu rosto e as minhas características físicas. Expliquei que eu estava marcado para morrer. Para minha tristeza, eu e o Luiz Edgar de Andrade desceramos para o Corredor da Morte — ficamos em celas contíguas. As celas foram alagadas e fomos colocados nus. Luiz Edgar foi levado para o “Maracanã” e começou a ser torturado. Um dos torturadores era cearense como ele, e falou: “Você é meu conterrâneo e por isso vou te dar um fresquinho; vamos parar para assistir ao jogo do Brasil (era época das eliminatórias da Copa de 70) e só depois do jogo a gente volta a ‘conversar’”.

Depois dessa segunda volta para o Corredor da Morte, passei a sofrer dois novos tipos de tortura criados pelo tenente Fayad. Eles jogavam éter no ânus e me afogavam com conta-gotas. Eram torturas piores que espancamento e choques elétricos. O éter no ânus, além do ardor, faz secar as mucosas da boca. A gente sente que a língua está crescendo, parece que vai nos sufocar e que está do tamanho da língua de um bovino.

O afogamento era pior dos que os que sofri em Brasília, em 1967, no PIC da Polícia do Exército, com o corpo imerso em grandes tanques, ou a tortura do “escovão”, que

JOSE ARONSO/JORNAL OPÇÃO



Jarbas Marques: “O tenente Fayad orientava os militares para usar outras torturas quando a pessoa já estava muito debilitada”



FLAMBOYANT
O Shopping de Goiás

O MELHOR PROGRAMA DA CIDADE

DEPOIMENTO EXCLUSIVO

soufri no quartel dos Dragões da Independência, quando fui afogado em tinas cheias de urina e fezes. O afogamento com conta gotas é pior. Eles me botaram no pau-de-arara e eu pensei que iria sofrer novamente o "frango assado", feito pelos policiais civis, e consistia de acender fogo em jornais embaixo da gente. Minha boca estava muito inchada, pois eles tinham me arrancado os bigodes com alicate, botaram esparadrapo na minha boca e fiquei com a respiração acelerada em razão de só haver um duto para inspirar e expirar. Sob risadas do torturador alterofilista a quem os outros torturadores chamavam de "comandante", daí deduzi que ele fosse da Marinha. Ele dizia com voz em falso: "O nenê tá dodói. Tá de narizinho entupido! Ah! então vamos limpar o narizinho dele". E, sob risadas, ele pingava gotas nas minhas narinas. Com a boca tampada, as gotas iam direto à árvore respiratória. Eu rodava no pau-de-arara. Queria morrer, pensava que ia morrer e não morria.

Que tortura infernal. De onde vinha o éter? De onde vinham o conta-gotas e o conhecimento da filosofia respiratória? É claro que não era da Companhia de Comando e Serviço (CCS), da PE da Baía de Mesquita. Era, na verdade, uma criação do gabinete do médico do batalhão, Ricardo Agnese Fayad.

Tive vários companheiros que foram destruídos psicologicamente, ainda na primeira fase, quando eles nos colocavam nus e, após aplicarem choques nos órgãos genitais, ficavam a ironizar: "Comunistas de merda, nem homem você é, olha o tamanho do pintinho dele!"

JACARÉ E TORTURA — Lembro-me da primeira vez que me torturaram nu, na frente de uma mulher, era a Leda, mulher do jornalista Pedro

França Viegas, que trabalhou com o Paulo Francis na *Revista Dinners*. Eles jogavam com tudo — "Fálacia Fállica", "Freudianismo", "Complexo de Édipo", "Electra". Tudo era usado

apodrecida. Ele era frio e fedida. Fedida muito. Quando seu corpo passou sobre a minha cabeça, pude ver sua cauda. E os torturadores gritavam e riam. "O jacaré vai comer o seu 'peruzinho', esse jacaré gosta de 'peru' de comuna."

Lembro-me de um fato que mostra a quanto desceram os torturadores, como eles roubavam os pertences dos presos políticos e de seus familiares, o Exército, a Marinha e Aeronáutica nada mais representavam para eles como instituições nacionais, e ao interrogarem o tenente-coronel Nicolau José de Seixas disseram-lhe: "Aqui um soldado na ativa manda mais que um general na reserva". A fronteira entre a tortura e o assassinato de presos políticos e o crime era quase invisível. A história do banditismo nas Forças Armadas, nesse período, ainda não foi estudada o suficiente, provavelmente, porque muitos dos beneficiários ainda estão vivos e são uma ameaça permanente.

O capitão Guimarães, esse mesmo das escolas de samba no Rio de Janeiro, era o comandante da Companhia da Polícia na Vila Militar de Deodoro. Além de torturar e assassinar presos políticos, ele e sua equipe passaram a matar bicheiros concorrentes de Castor de Andrade. Numa sessão de tortura no "Maracanã", o tenente Fayad atendeu ao meu lado um bicheiro que era perneta. Fomos torturados por equipes próximas. Depois da passagem do tenente Fayad pelo "Maracanã", de repente todas as equipes pararam de torturar e veio a ordem: "O general Sizen Sarmento vem almoçar no Batalhão, com os oficiais e a cobra só vai piar à noite". Fomos levados para as celas e xadrezes e não vi mais o perneta. Uns quatro dias depois a mulher de um metalúrgico de nome João de Deus

(que era apenas líder sindical) enviou-lhe uma pena de bananas enroladas num jornal, e no jornal estava a foto do cadáver de um mulato desconhecido, com o rosto e as mãos queimados e com um detalhe: faltava uma perna. Por esses serviços aos bicheiros e à repressão política, o capitão Guimarães virou presidente de escola de samba e das ligas, e, o pior, com a Medalha do Pacificador, a mais alta condecoração do Exército.

O tenente que me torturou, e a brasileiros e brasileiros anônimos, é hoje general. Ele desonra meu país, a Bandeira do meu país e o Exército do meu país. Mas o Exército que ele desonra tem homens honrados e dignos, como o general Galeno Penha Franco, que no dia 21 de novembro de 1969 não aceitou macular o Hospital Central do Exército e o Exército. A equipe de torturadores do capitão Guimarães, mais precisamente o cabo Povoleri matou o estudante de medicina Charles Schael Schreiber com um chute que lhe arreventou o fígado. Levaram Schael para o HCE e o general Galeno negou-se a receber um cadáver e mandou que o médico-legista Rubens Pedro Macuco Janini fizesse o laudo, laudo esse que vai para a história como defesa de um Exército que o general Ricardo Agnese Fayad sempre desonrou desde o tempo em que era apenas um aspirante.

Agora, o general Ricardo Agnese Fayad foi premiado

Fayad torturou grávida

A tortura nas mulheres era mais sexual. Eram colocadas nuas e sofriam choques elétricos, espancamentos. Nem grávidas escapavam. O tenente Fayad, examinou a Célia Manes que, creio, tinha 17 anos e estava grávida de 5 meses. Depois de assegurar que ela não abortaria na tortura, ela passou a levar choques nos seios, na barriga, nas orelhas e na vagina, para dar o paradeiro do seu marido, Sérgio Manes.

Quando eu fui transferido para o Presídio do Exército, na Fortaleza de Santa Cruz, em 1970, fiquei preso com o Sérgio Manes e o seu irmão

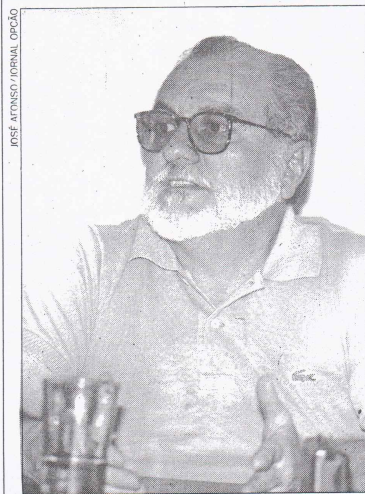
por um perseguido pela ditadura civil-militar, o sociólogo-presidente Fernando Henrique Cardoso, com o cargo de subdiretor de Saúde do Exército. É uma ironia que, quem cuidou da tortura, hoje seja responsável pela saúde. Outra ironia é que ele seja pediatra. Sua nomeação é quase inacreditável. Mas é verdade. E isso dói. Agora na alma. Hoje, quando vejo um simples Sorine, fico alerta. É uma lembrança dos tempos da cólera de Fayad.

Pessoalmente, não acredito que Fernando Henrique, para ser presidente, tenha rompido com o seu passado de humanista. Para governar, optou por acordos com quem lhe deu sustentação imediata. No plano ético, com certeza ele permanece íntegro. Persiste, certamente, um intelectual que não entrou na história para esquecer o passado. O presidente nada tem a ver com o torturador Fayad. Porém, se deixá-lo para o cargo, prova que é um governante omisso, sem sintonia com a sociedade.

O Exército, uma instituição do país, ao tentar "recuperar" Fayad para um cargo público, indica, por seu turno, que não rompeu com seu lado mais sombrio. Estaria provando, com isso, que a linha dura está aí firme, decidindo? O ministro do Exército, general Zenildo Lucena, um homem que me dizem íntegro, também errou. Afastar Fayad não significa aceitar as pressões externas, mas reconhecer que ele não é a pessoa certa para o cargo. Ele desonra o Exército.

Paulo Roberto Manes. Em 1972 numa visita de Célia ao seu marido, conheci o filho deles que nasceu surdo e mudo em razão das torturas que recebeu quando ainda era um feto. O general Fayad é o responsável por isso.

Existem duas categorias de anistia: a do retorno ao serviço público e a indenização às famílias de mortos e desaparecidos. Devemos lutar por uma outra categoria: a dos mutilados. E, certamente, o filho de Célia e Sérgio Manes que, se estiver vivo, deve ter de 28 a 29 anos, deve merecer uma das primeiras indenizações. ●



FICHA: AFRAS/JORNAL OPÇÃO

“ Fernando Henrique, se deixar Fayad no cargo, provará que seus críticos estão certos: é um presidente omisso ”

para a nossa destruição. Os torturadores não eram ingênuos como alguns inocentes supõem.

Depois vieram as torturas com animais. Uma equipe de torturadores foi ao Amazonas prender o assaltante de bancos Waldir Krause e sua quadrilha — e, mais ou menos entre setembro e outubro de 1969, foi torturado com os jacarés que ele trouxeram. Algemaram minhas mãos para a frente, algemaram minhas pernas no tornozelo e passaram uma corda nas algemas das mãos e dos pés para me imobilizar. Fui jogado ao chão e o rosto espremido no cimento pela bota de um torturador. Puseram um jacaré nas minhas pernas e ele começou a caminhar no meu corpo. Quando as patas dianteiras chegaram às minhas nádegas, comecei a sentir um cheiro nauseante de carne

“ Levaram jacarés do Amazonas para as salas de tortura. Colocaram um em cima de mim. ‘Ele vai comer o seu peruzinho’, diziam. Ele era frio e fedido ”

REFRIGERAÇÃO
ART MAQ
BRASTEMP
SERVIÇOS E ASSIST. TÉCNICA

Tanquinhos e Fogões

251-2260

Rua C-137 Qd. 320 Lt. 3 - J. América - Goiânia - GO

CASO FAYAD

O outro revanchismo

A queda do torturador Ricardo Fayad revela o verdadeiro revanchismo — o dos algozes que querem reabrir feridas nos vencidos

JARBAS  SILVA MARQUES

Por uma ironia da história, o general-de-brigada Ricardo Agnese Fayad, enfiou, no dia 1º de abril, no ministro do Exército, Zenildo Lucena, uma carta na qual pediu o seu afastamento do cargo de vice-diretor de Saúde do Exército. "Para gozar a licença especial a que tenho direito" — justificou. A data da carta é a mesma do início da ditadura militar de 1964, com o levante em Minas Gerais do general Mourão Filho. Por ser um dia internacionalmente comemorado como o "Dia da Mentira", os militares golpistas retroagiram a data para 31 de Março.

O pedido do general Ricardo Fayad foi a solução encontrada pelo governo Fernando Henrique Cardoso e o Alto-Comando do Exército, diante das pressões nacionais e internacionais contra a nomeação de um reconhecido médico instrumentador de torturas em quartéis e nas chamadas "Casas da Morte", que eram mansões, chácaras e sítios de civis aliados da ditadura militar.

O "Episódio Fayad" permite e exige muitas discussões acerca do que foram as "anistias" conhecidas pela ditadura militar de 1964. Em todas elas, por impotência política dos vencidos, os governos militares se auto-perdoaram pelos crimes que cometeram. As anistias não foram um pacto nacional — foram a extensão do arbítrio.

Qualquer tentativa de exigir justiça em relação a esses fatos é logo tachada de revanchismo. Mas o que é revanchismo, essa palavra tão usada pelos defensores da ditadura e dos seus crimes? Em seu depoimento na Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, o médico Luiz Tsnório, presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, deu uma resposta lapidar para todos que acusam de revanchistas os que protestaram contra a nomeação do general Fayad: "Não somos revanchistas" — disse. — "Eu, que fui colega de Fayad na Faculdade de Medicina, e depois fui torturado no Doi-Codi, depois de ele me examinar, não quero repeti-lo. Revanchismo seria querer torturá-lo como ele fez com centenas de pessoas. Ele nem mais é médico, já que o Conselho Federal de Medicina cassou-lhe o registro".

Revanchismo é reabrir feridas nos vencidos, nomeando um torturador notório e reconhecido para um cargo de direção no Exército, manchando duplamente a instituição e a expondo ao opróbio das nações.

Nada escapa à história. Pode-se falseá-la, escondê-la em qualquer socavão do arbítrio, que mais dia menos dia a verdade vem à luz. E os fatos ainda recentes aterrorizam os que ainda

têm as mãos sujas de sangue. Mas eles não precisam temer um tratamento igual ao que infligiram a seus irmãos de pátria; não sofrerão torturas, assassinações, desaparecimentos, nem ficarão presos por anos e anos. Sofrerão apenas o maior dos estigmas da condição humana: o de serem reconhecidos como o ser mais abjeto, sob o ponto de vista da ética, da moral e da religiosidade — o torturador.

No campo da honra dos guerreiros há uma questão de princípio: "No campo de batalha ou se mata ou se morre, mas nunca se tortura um inimigo". Isto é o que eu presumo que ainda deve ser ensinado nas Academias Militares, que deveriam ter como escopo a formação de guerreiros, aptos para defender o povo de sua nação e o território de seu país.

Os oficiais que hoje estão presos e chegar ao oficialato médio, os sargentos e demais praças, precisam saber o que houve, para que a história não se repita. As mesmas elites políticas que armaram as mãos dos militares e as sujaram com o sangue de seus irmãos, continuam suas manobras nas sombras. Deixaram todo o desgaste e a ignomínia dos atos com os militares. Como se a ditadura militar fosse apenas obra da classe fardada.

Tenho medo e quero alertar meus irmãos brasileiros das Forças Armadas, para o fosso que essas mesmas elites dirigentes estão abrindo novamente entre vocês e a sociedade civil, ao concederem aumento salarial para os militares e negando-os para os funcionários civis, criarem um cidadão de segunda classe. Assim como foi posto, o aumento exala um odor que vem das bases da nossa civilização greco-romana, ele tem o mau cheiro da guarda pretoriana dos césares e exala o suor dos escravos nas galés.

E ao terminar este artigo, quero render a minha homenagem a um filho querido de Goiás, Paulo Celestino, que ainda hoje figura na galeria dos "desaparecidos". Portanto, sem túmulo. Ele foi morto sob torturas infames na "Casa da Morte de Petrópolis". E lá não era quartel, mas, o então tenente Fayad, como denunciou seu colega tenente Lobo, lá "trabalhava". Paulo Celestino sofreu a "Tortura Apache" (foram-lhe retirados pedaços da pele a navalha e a bisturi, além de lhe quebrarem seus ossos).

E como sobrevivente, esta é a única homenagem que na minha impotência política posso lhe prestar: o registro histórico de que participei da luta para denunciar, perante nosso povo, o torturador que nos torturou, a mim, no quartel da Barão de Mesquita, e a ele, na "Casa da Morte", em Petrópolis.

CONCEDIORS

Lilian. Esperei por ti a vida toda. Não tinhas nome, nem sexo e eu nem sabia que Ivany seria a tua mãe.

Esta não é somente a carta de teu pai, é a carta de um companheiro que sobreviveu.

Vi você primeiro que sua mãe, e veja a ironia, você nasceu e morreu no mesmo ano porque o hospital do INAMPS não tinha roupa de cama no dia 31 de dezembro de 1984.

Os teus primeiros sons a exigirem os cuidados contra o mundo foram dados quando parte das esperanças de nosso povo agonizavam no Instituto do Coração.

Acalentel nos meus braços o teu sono e os teus sonhos.

O que sonhavas mesmo? Será que era apenas com o tédio leite de tua mãe?

Ah!!! a tua primeira sopinha. Você se sujou toda. Também, Lilian, para quem tinha a boca preparada para sugar leite, era exigir demais.

Com que alegria vimos você se sentar pela primeira vez. Deve ter sido uma sensação e tanto, pois o mundo devia ser para ti coisas que estavam na iminência de cair em cima da tua cabeça.

Ah! Lilian, você morreu diante dos meus olhos e da minha impotência. Você foi a minha revivificação contra todos os torturadores e assassinos da minha geração.

Quando você nasceu no primeiro dia deste ano, cresceu ainda mais em mim a vontade de continuar sobrevivendo e lutando.

Os filhos que Stuart e Sônia, Lamarcia e Yara, Roberto Cieto, Dó-dora, Chael, Yuri, James, Gruguela e tantos outros não puderam ter, nós conseguimos, e Ivany e eu vivemos a alegria de dar ao mundo o que ele tem de mais puro e alentador: a criança.

Você não poderá mais ouvir-me a cantar a cantiga do Sapo Cururu com a voz de baixo em falsete.

Os sonhos que sonhei partilhar com você, Ivany e Ana não se darão mais por inteiro.

Pensava que em 1988, quando você tivesse três anos, iria com você e Ana tomarmos uma chuva juntos e brincar na enurrada.

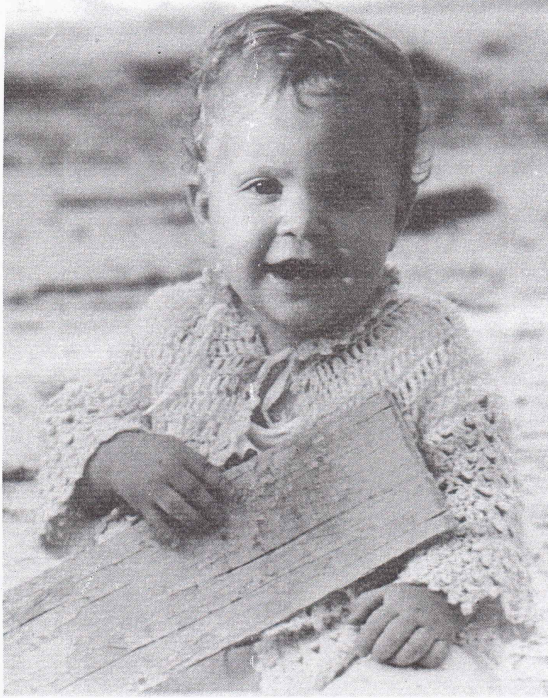
Aos seis anos você conheceria a minha jogada "feminista" no xadrez. Ela é assim: inicialmente libero todos os peões da rainha, para que em seguida ela produza devastadores ataques nos seus

deuses e nas linhas do seu bispo e do seu cavalo do rei. Depois, aos gritos de "todo o poder às mulheres", eu a recuaría para rocar. Sabe Lilian, não sou bom jogador de xadrez mas bom professor eu fui. Em 1967, quando eu estava preso no R.O. em Julz de Fora, ensinei ao Antonio Jerônimo e a outros camponeses e ferroviários a jogar xadrez. Fiz um tabuleiro com papel de embrulho e as pedras com uma caixa de pasta dental Colgate. Em 1968, eles já me derrotavam, sabiam rocar e já estavam estudando aberturas clássicas com um livro que entrou na prisão.

Não posso mais correr, mas a lesão na perna não me impediria de praticarmos calistenia e exercícios de flexibilidade.

Apesar de ter sido o primeiro a requerer a anistia ao Governo do Distrito Federal, em 1979, até hoje os "novíssimos republicanos" não reconheceram nossos direitos. Com os atrasados de 1979 eu pensava em pregar uma peça na sua mãe, e assim que eu os recebesse iria comprar um acordeon para ela voltar a tocar e promover a iniciação musical de você e de Ana.

Em abril de 1986, quando o Hal-



carta a Lilian

ley já tivesse caído, eu iria lhe mostrar a lua e as estrelas, assim como fiz com Ana.

Quando você e Ana estivessem prestes a se vestirem com os pêlos da puberdade, eu iria lhes falar de Espartaco, Castro Alves e Che Guevara, os heróis que alimentaram o meu romantismo revolucionário. E todos os calos que adquiri na tribuna me dariam voz e calor teatral para lhes dizer:

"Auriverde pendão de minha terra, / Que a brisa do Brasil beija e balança, / Estandarte que a luz do sol encerra, / E as promessas divinas da esperança... / Tu que da liberdade após a guerra, / Foste hasteado dos heróis na lança, / Antes te houvessem roto na batalha, / Que servires a um povo de mortalha!..."

Em 1986 eu iria ao Rio para visitar a minha querida Leda e chorarmos juntos pela morte do Jim. Eu iria pedir a ela o "História da Gironda" de Lamartine, para depois poder ler para você e Ana os discursos de Marat, Daíton e Robespierre.

Mas você está morta. Não posso mais colocar a junta do meu anular direito em sua boca para sentir a força da sua mandíbula e

nem mais ouvir o seu "chop... chop" ao mamar em Ivany.

Perdi a batalha contra os torturadores invisíveis que invadiram teu corpo. Os médicos disseram que teriam sido os "stafas".

A sua última noite você passou quase toda nos meus braços e no meu peito a dar pequenos gemidos. Eles já estavam te torturando.

Minutos antes da tua morte, você ouviu quando eu te chamava pelo nome e respondeu: "Tá... tá... tá... tá". Nos comunicamos e você me pediu água. O algozão umedeceu pela enfermeira Dolores saciou parte da tua sede, e mais não foi dado porque pensávamos que iria atrapalhar na tua recuperação.

Você morreu e eu tive que ir buscar Ivany para te ver e pegar no teu corpo ainda quente. Foi tão doloroso quanto em 1969, quando os torturadores obrigaram a que eu e o Viegas lavássemos o sangue do Roberto Cieto, assassina do pelo Luiz Timóteo e o Capitão Leão, na Cela 3 do Corredor da Morte, no Quartel da Barão de Mesquita.

Eu estava novamente impotente.

As cadeias e os hospitais são a

mesma coisa. Quando eu a carregava em meus braços para o necrotério do hospital tive essa certeza.

Depois vieram os comerciantes da morte. Escolhemos eu e Valdenice o teu caixão e ela pediu-me para te vestir.

Lembrei-me do dia em que o sargento Antunes, o sargento Torres, o Capitão Leão e o Timóteo ficaram confeccionando o cartaz do esquadrão da morte que foi colocado no meu pescoço. Não pedi clemência e nem que por Deus não me matassem. Eu ouviu eles dizerem a um bicheiro que o capitão Aylton tinha levado para a PE, antes de ser morto, que "não adianta chamar Deus, pois se ele pintar por aqui a gente dá choque no saco dele e balxa a porrada!".

Quando sou o seu corpo na Caravan da funerária me lembrei dos sons da F-100 cinza que transportou o corpo do Rubens Paiva e de tantos outros, e na qual eu fui jogado para ir para o "Céu das Cabras!". Uma das delações do Flávio Tavares faria com que o Timóteo, um capitão halterofilista da Aeronáutica e um torturador de boina, que era do distrito da Rua Bambina, a contragosto

me levassem de volta para o corredor da morte, porque "um maior de Brasília virá interrogá-lo sobre umas armas".

A tortura foi redobrada pelo Timóteo porque ele tinha sido surpreendido pelo Major Fontenele por ter roubado o meu relógio.

Apesar de o Major Fontenele ser um torturador, ele era o único que conservava uma fímbria de dignidade e não se transformara em ladrão de torturados como os outros da Marinha, da Aeronáutica, do Exército e da Polícia Civil. Na madrugada fria insistiram para que eu dormisse. Mas eu não podia traquejar e lembrei-me do coronel Nicolau Selxas, e da sua dignidade. "Sou um tenente-coronel do Exército brasileiro, com curso de Estado-Maior, e só deponho diante de um oficial da minha patente ou um superior".

Ele resistiria como não resistiria um general da reserva que um cabo torturador obrigou a lavar fezes e urina no Presídio do Exército.

Vi o dia amanhecer, Lilian, e a cada hora que eu olhava para o seu rosto lembrava-me do depoimento do Ottoni Fernandes: "Sabe, senhor juiz, eles chamam os presos de "presunto" porque eles são torturados antes de morrer e o corpo fica meio arroxeado, com a cor de presunto".

Os "stafas" transformaram teu corpo branco, Lilian!!!

Lilian, meu espaço está acabando, o Silvio me deu apenas 145 linhas.

E hora novamente de assumir os encargos de sobrevivente.

Nos dias em que lutavas contra os "stafas", o Congresso Nacional aprovou a convocação da Constituinte.

Tenho medo que a geração que deveria ser a tua seja empurrada para travar mais uma luta desigual.

A Ditadura programou uma Constituinte que elimina a participação do povo. Não haverá eleições para vereadores e prefeitos. Apenas para governadores, deputados e senadores.

O Poder Econômico terá hegemonia total e a Constituição poderá ser pior que a outorgada pela Junta Militar.

A próxima Constituição não será mesmo como a da Mandioca de 1823, pois os valores não serão mais de quartas de farinha, mas de dólares.

São meus temores, Lilian. Com uma Constituição que não expresse toda a sociedade, o ciclo se reabrirá e os caudilhos eletrônicos de agora armarão as mãos dos que mataram quase toda a minha geração na tortura.

O espaço está findo, tenho que me despedir.

Ivany e eu adubamos com teu corpo o Campo da Esperança.

Tive que escolher entre entrar teu corpo numa cova simples ou na que fosse enterrada. Para que pudéssemos algum dia nos juntar no axioma materialista do Gênesis, escolhi a que te encerrou em concreto. Não nascerão flores sobre o teu corpo, mas te teu sorriso, o teu dedo em riste e as alegrias que você deu a esse sobrevivente.

Sua mãe ainda está com os seios turgidos do leite que você não mamará. Ana sente tua falta, a Bixa Gutomar continua com os cabelos brancos à espera do teu afaço. Rosana está triste e Narzi domina os deuses.

Brasília, madrugada do dia 10 de dezembro de 1985 do companheiro, **Jarbas Silva Marques**